

Índice

Nota acerca do texto	7
O Retrato de Dorian Gray	15
Prefácio da edição de 1891	177
Notas	181

O *atelier* estava impregnado de um intenso perfume de rosas e, quando a ligeira brisa estival corria por entre as árvores do jardim, entrava pela porta aberta o cheiro forte dos lilases ou o mais delicado odor do espinheiro róseo desabrochando.

Do canto do divã coberto de tecidos persas em que se estirava, fumando cigarro atrás de cigarro como era seu costume, Lord Henry Wotton vislumbrava apenas o brilho dos rebentos de um codesso da cor e doçura do mel, cujos ramos trémulos mal pareciam capazes de sustentar o fardo de uma tão fulgurante beleza; e, de vez em quando, as sombras fantásticas dos pássaros fugazes atravessavam as longas cortinas de seda selvagem estendidas frente à enorme janela, produzindo uma momentânea ambiência japonesa e levando-o a pensar nesses pintores de pálidos rostos de jade que, numa arte que é necessariamente imóvel, procuram dar a impressão de velocidade e movimento. O monótono murmúrio das abelhas zunindo entre a relva por aparar, ou circulando com uma fastidiosa insistência em redor dos pés de alteia daquele início de Junho, semelhantes a agulhas de catedral adornadas com modilhões negros, pareciam tornar o sossego ainda mais opressivo, e o bulício abafado de Londres era como que o bordão de um órgão longínquo.

No centro da sala, assente num cavalete vertical, estava o retrato a corpo inteiro de um jovem extraordinariamente belo e, a curta distância, diante da tela, sentava-se o próprio artista, Basil

Hallward, cujo súbito desaparecimento alguns anos atrás provocou, na altura, muita celeuma e deu azo às mais estranhas conjecturas.

Contemplando a figura grácil e harmoniosa que a sua arte tão subtilmente representara, um sorriso de prazer perpassou pelo rosto do pintor e parecia que nele se ia demorar. Mas sobressaltou-se de repente e, fechando os olhos, levou os dedos às pálpebras, como se pretendesse aprisionar no seu cérebro um sonho singular de que temia despertar.

— É a tua obra-prima, Basil, a melhor coisa que alguma vez fizeste — comentou Lord Henry, languidamente. — Tens de a enviar à exposição da Galeria Grosvenor do ano que vem. A Real Academia é demasiado grande e reles. A Galeria Grosvenor é realmente o único lugar condigno.

— Não me parece que vá enviá-la para lado nenhum — respondeu ele, atirando a cabeça para trás, naquele trejeito peculiar que em Oxford tantas vezes provocara o riso dos seus amigos. — Não, não vou enviá-la para lado nenhum.

Lord Henry arqueou as sobrancelhas e fitou-o com espanto através das finas farripas de fumo que se evolavam em curiosas espirais do seu cigarro opiado.

— Não a vais enviar para lado nenhum? Mas porquê, meu caro amigo? Perdeste o juízo? Vocês, os pintores, são tipos muito estranhos! Fazem tudo na vida para ganhar reputação e, assim que a conquistam, parecem que querem atirá-la à rua. É uma tolice da tua parte, pois só há no mundo uma coisa pior do que ser-se falado, que é não se ser falado. Um retrato destes havia de te alçar muito acima dos jovens de Inglaterra, e provocar a inveja dos velhos, se é que os velhos são capazes de qualquer emoção.

— Sei que te vais rir de mim — retorquiou ele —, mas não posso realmente expô-lo. Pus nele demasiado de mim mesmo.

Lord Henry, estendendo as longas pernas sobre o divã, foi sacudido por uma gargalhada.

— Pois, já sabia que te ias rir. Mas não deixa de ser verdade.

— Puseste nele demasiado de ti! Palavra de honra, Basil, não te sabia tão vaidoso. E é que não consigo mesmo ver nenhuma seme-

lhança entre ti, com a tua cara forte e áspera e o teu cabelo preto como carvão, e este jovem Adónis, que parece feito de marfim e pétalas de rosa. Ora, meu caro Basil, ele é um Narciso, e tu... bem, é evidente que tens uma expressão intelectual e tudo isso... mas a Beleza, a verdadeira Beleza, acaba onde a expressão intelectual começa. O intelecto é em si mesmo um exagero e destrói a harmonia de qualquer rosto. Assim que nos sentamos a pensar, ficamos só nariz, ou só testa, ou uma coisa horrível do género. Olha para os homens bem-sucedidos em qualquer das profissões eruditas. Como são perfeitamente hediondos! A não ser, evidentemente, na Igreja. Mas a verdade é que eles na Igreja não pensam. Um bispo continua a dizer aos oitenta anos o que lhe mandaram dizer quando era um rapaz de dezoito e, por conseguinte, parece sempre perfeitamente encantador. O teu misterioso jovem amigo, cujo nome nunca me revelaste, mas cujo retrato me fascina realmente, nunca pensa. Disso tenho eu a certeza. É uma bela e desmiolada criatura que devia permanecer connosco durante todo o Inverno quando não temos flores para contemplar, e durante todo o Verão quando precisamos de alguma coisa que nos refresque a inteligência. Não te lisonjeies, Basil, não és nada parecido com ele.

— Tu não me compreendes, Harry. É evidente que não me pareço com ele. Tenho perfeita consciência disso. Na verdade, não gostaria nada de me parecer com ele. Encolhes os ombros? Estou a dizer-te a verdade. Há uma fatalidade em toda a excelência física e intelectual, o tipo de fatalidade que tem perseguido ao longo da História os passos trôpegos dos reis. É melhor não sermos diferentes dos que nos rodeiam. Os feios e os estúpidos são os que mais aproveitam do mundo. Podem sentar-se a olhar e bocejar à vontade. Se não têm noção alguma do que seja a vitória, é-lhes pelo menos poupado o conhecimento da derrota. Vivem como todos nós devíamos viver, impávidos, indiferentes e sem inquietações. Nunca causam a desgraça dos outros, nem sequer a recebem das mãos de outrem. O teu título e a tua fortuna, Harry; o meu cérebro, tal como é... a minha arte, o que quer que valha, a beleza do Dorian Gray... Havemos todos de sofrer por aquilo que nos concederam os deuses, de sofrer terrivelmente.

— Dorian Gray? É assim que ele se chama? — perguntou Lord Henry, atravessando o *atelier* na direcção de Basil Hallward.

— Sim, é esse o nome dele. Não fazia intenção de to dizer.

— Mas porque não?

— Ora, não te sei explicar. Quando gosto muito das pessoas, nunca digo a ninguém como se chamam. É como entregar uma parte delas, parece-me. Sabes bem como aprecio a discrição. É a única coisa que pode tornar a vida moderna misteriosa ou maravilhosa aos nossos olhos. A coisa mais banal pode ser encantadora, se a ocultarmos. Hoje em dia, quando deixo a cidade, nunca digo aos meus para onde vou. Se o fizesse, perdia o prazer. É uma mania estúpida, devo confessá-lo, mas que, de algum modo, me parece conferir uma boa dose de romance à vida. Deves julgar-me incrivelmente tolo por pensar assim...

— De modo nenhum — respondeu Lord Henry, pondo-lhe a mão no ombro —, de modo nenhum, meu caro Basil. Pareces esquecer-te de que sou um homem casado e de que o único encanto do matrimónio é tornar uma vida de embuste absolutamente necessária para ambas as partes. Nunca sei onde está a minha mulher, e a minha mulher nunca sabe o que eu faço. Quando nos encontramos... e encontramos-nos ocasionalmente quando jantamos fora ou vamos a casa do duque... contamos um ao outro as histórias mais absurdas com o ar mais sério deste mundo. A minha mulher é muito boa nisso... na verdade, é muito melhor do que eu. Nunca se atrapalha com as datas, e eu atrapalho-me sempre. Mas, quando me apanha a mentir, nunca se zanga. Às vezes, gostaria que se zangasse, mas ela, muito simplesmente, ri-se de mim.

— Não gosto da maneira como falas da tua vida matrimonial, Harry — disse Basil Hallward, sacudindo a mão do outro com um gesto brusco e dirigindo-se à porta que dava para o jardim.

— Julgo que és na verdade um marido irrepreensível, mas que tens imensa vergonha das tuas virtudes. És um tipo extraordinário. Nunca pregas moral aos outros, nem nunca praticas uma má acção. O teu cinismo não passa de uma pose.

— A naturalidade não passa de uma pose, e é a pose mais irritante que conheço —olveu Lord Henry, rindo-se; e os dois jo-

vens saíram juntos para o jardim e, durante algum tempo, ficaram em silêncio.

Após uma longa pausa, Lord Henry tirou o relógio do bolso.

— Parece-me que tenho de me ir embora, Basil — murmurou —, e, antes de ir, insisto que respondas à pergunta que te fiz há pouco.

— Qual? — perguntou Basil Hallward, mantendo os olhos fixos no chão.

— Sabes muito bem.

— Não sei, Harry.

— Bem, então eu digo-te qual é.

— Não digas, peço-te.

— Tem de ser. Quero que me expliques porque te recusas a expor o retrato de Dorian Gray. Quero a verdadeira razão.

— Eu disse-te a verdadeira razão.

— Não disseste, não. Disseste que era porque tinhas posto demasiado de ti próprio nele. Ora, isso é uma infantilidade.

— Harry — advertiu Basil Hallward, olhando-o cara a cara —, todo o retrato pintado com sentimento é um retrato do artista e não do modelo. O modelo é apenas o acidente, a ocasião. Não é ele que o pintor revela; é o pintor que, na tela colorida, se revela a si próprio. A razão por que não quero expor este quadro é eu recelar ter representado nele o segredo da minha própria alma.

Lord Henry riu-se.

— E que segredo é esse? — perguntou.

— Eu conto-te — respondeu Hallward, e uma expressão de perplexidade assomou-lhe ao rosto.

— Sou todo ouvidos, Basil — murmurou o seu companheiro, olhando-o.

— Ora, na realidade não há muito que contar, Harry — retorquiu o jovem pintor. — E temo que mal o possas perceber. Talvez mal acredites no que te vou dizer.

Lord Henry sorriu e, baixando-se, colheu das ervas uma margarida de pétalas róseas e examinou-a.

— Estou certo de que vou perceber — afirmou, observando atentamente o pequeno disco dourado de penas brancas —, e,